SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVII
JULHO
DE 1971
N.º 315

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

PARA ALÉM DA CONTESTAÇÃO

Por EDUARDO RIBEIRO

O clima de contestação que o mundo presentemente vive surpreende e preocupa muita gente, que vê discutir princípios e instituições até há pouco considerados intangíveis. A Igreja, a Escola, as instituições políticas, económicas e sociais não conseguem furtar-se a uma crítica acerba e até violenta, que faz estremecer as estruturas arcaicas do velho mundo. A juventude, sobretudo, assume papel bastante activo nas manifestações de inconformismo e expressa da maneira mais inequívoca o seu profundo descontentamento. Estas circunstâncias justificam muito naturalmente uma interrogação: Será que este agitado despertar nos deva afligir e inquietar como preságio de calamidades iminentes ou estamos antes em face de uma sadia tomada de consciência, que devemos saudar com esperança?

Na história da humanidade sempre houve períodos de contestação, tendo alguns deles deixado a sua passagem assinalada a traços de sangue. Talvez por isso a história nos possa ajudar a encontrar resposta para a interrogação que nos perturba.

Lembramos Moisés, educado com requintes de príncipe na corte de Faraó, que sente as dores do seu povo, oprimido e escravizado, e se vê chamado a uma obra de contestação que o leva a opor-se ao trono até conseguir libertar o povo hebreu, conduzindo-o através do deserto a caminho da Terra da Promissão. Toda a história bíblica está repleta de repetidos exemplos de contestação. Cada um dos profetas, ao erguer a voz em nome de Deus, procurava denunciar situações de injustiça, de infidelidade, de corrupção, desafiando heròicamente as potestades. Amós, cerca de 750 anos A. C., pode ser apontado como paradigma de todos eles. Habitando pacìficamente em lugares isolados, entregue à pastorícia, sente a vocação profética e vê-se obrigado a ir denunciar junto do rei e dos sacerdotes a extrema corrupção de Israel, a infidelidade de um povo que esquecera o seu Deus e se entregava a práticas abomináveis da religião de Baal. Destemidamente ergue a sua voz e clama: *Vós converteis o juízo em alosna, e deitais por terra a justiça (...) aborreceis na porta ao que vos repreende, e abominais o que fala sinceramente. Portanto, visto que pisais o pobre e deles exigis tributo de trigo, não habitareis nas casas de pedra lavrada que tendes edificado; nem bebereis do vinho das vides desejáveis que*

Continua na pág. 2

UMA CAMPANHA EM MARCHA

MAIS 200 ASSINANTES!

O apelo, que estamos fazendo para que todos os nossos amigos colaborem na campanha para mais 200 assinaturas, está sendo secundado, embora não seja com aquele êxito que ainda esperamos.

Tivemos o prazer de registar as assinaturas do 7.º Agrupamento do C. N. E., de Ermesinde, e do nosso camarada José António Ribeiro e Cunha, de Luanda. Agradecemos.

O Chefe do Grupo n.º 39 de Benguela corresponde escoteiramente ao apelo

A melhor colaboração na Campanha vem de Benguela, em Angola. O Chefe Manuel Nunes Pereira, que tem dado inúmeras provas de dedicação ao Movimento, espontâneamente resolveu participar na nossa Campanha, angariando assinaturas entre os muitos amigos do seu Grupo. E, assim, de uma vez só, enviou-nos 19 novas assinaturas. Eis um exemplo que desejamos apontar a todos os Chefes de Grupo. Se em cada Grupo de Escoteiros se fizesse uma campanha semelhante, «Sempre Pronto» poderia ser um jornal que melhor serviria o Escotismo. Já o Grupo do Cacém deu uma boa ajuda nesta Campanha, mas precisamos de ir mais além. Estamos certos de que a ajuda necessária vai surgir.

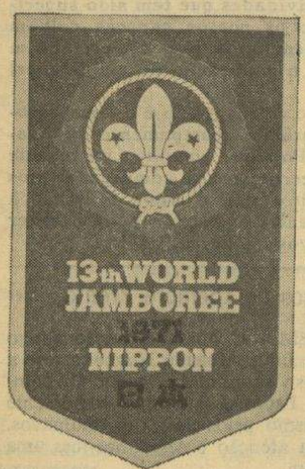
Tinhamos registado 18 assinaturas. Com mais 21 totalizam 39.

No próximo número esperamos poder contar com a assinatura que o estimado Leitor nos vai enviar.

Administração

Enviaram-nos a importância de suas assinaturas os srs. Hernâni Gomes da Costa e Fernando Gomes Carrão (patrocinador).

A Administração agradece.



DE 2 A 10 DE AGOSTO

NO JAPÃO

O XIII JAMBORI MUNDIAL
A GRANDE FESTA DOS ESCOTEIROS

Pois estão prestes a reunir-se no Japão, nas vizinhanças do famoso Monte Fuji, 20 000 escoteiros de vários países do mundo para celebrar a grande festa dos escoteiros: o Jambori Mundial!

A grande nação asiática, com os seus estranhos costumes, a beleza das suas paisagens, o enorme surto de progresso que uma técnica avançadíssima lhe imprimiu, o carácter muito particular do seu povo, a reconhecida hos-

Continua na pág. 2

PARA ALÉM DA CONTESTAÇÃO

Continuação da pág. 1

tendes plantado. Porque sei serem muitas as vossas transgressões, e graves os vossos pecados: afligis o justo, tomais suborno, e rejeitais os necessitados. (...) Buscai o bem e não o mal, para que vivais: e assim o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco, como dizeis. Pela mesma época, em Jerusalém, outro grande profeta, Isaías, proclamava: *Ai dos que decretam leis injustas, dos que escrevem leis de opressão, para negarem justiça aos pobres, para arrebatarem o direito dos aflitos. (...) Ai dos que ao mal chamam bem, que fazem da escuridade luz, e da luz escuridade; (...) mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus.*

João Baptista fornece-nos, ainda mais tarde, outro evidente exemplo de autêntica contestação. Refugiado no deserto, exorta o povo: *Arrependei-vos! Endireitai os caminhos do Senhor! Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento. Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem e quem tiver comida faça o mesmo.* Jesus Cristo, sempre tão caridoso, não hesitou em condenar a hipocrisia das autoridades religiosas, contestando: *Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundície.*

Tivéssemos tempo para prosseguir nesta análise e poderíamos descobrir inúmeras situações de contestação. Homens como Huss, na Boémia; Savonarola, em Florença, foram agentes de contestação que pagaram com a vida a coragem de lutar por um mundo melhor. Lutero — a quem só agora se começa a fazer justiça — quando afixava as suas teses na porta da catedral de Vitemberga na véspera de Todos-os-Santos de 1517, estava longe de supor que o seu gesto de pura contestação académica iria imediatamente agitar o mundo e dar origem a profundas transformações sociais e religiosas.

Outros contestatários se ergueram na mesma época. Erasmo contestou quando escreveu o «Elogio da Loucura», que subtilmente satirizava a sociedade culta contemporânea. Tomás Morus com a «Utopia» denunciava a cidade egoísta. Entre nós, foi Gil Vicente o homem de coragem que escreveu e representou os seus admiráveis Autos, escalpelizando os vícios da nobreza e do clero.

Mas a época de contestação mais notável foi, sem dúvida, aquela que ficou conhecida por Revolução Francesa e tão profundas consequências teve na Europa e no mundo. Não podemos aprovar o que houve de violência e de sanguinário nesses acontecimentos, mas os povos pagam por vezes alto preço pelo acumular de erros, de injustiças e, sobretudo, pelo cstorvo obstinado que levantam à marcha inexorável do progresso.

Todas estas épocas de contestação, e ainda outras que não podemos citar, tiveram sempre um factor comum: contribuíram para o progresso da humanidade, para construir uma sociedade mais justa, ainda mesmo quando esse objectivo foi obtido através de um parturejar doloroso. É sempre muito útil que os povos sejam despertados e tomem consciência dos problemas que os afectam, para que estes possam ser discutidos, equacionados e resolvidos.

A contestação não pode portanto constituir motivo de preocupação, nem deve ser ignorada. Urge escutar as vozes que se levantam e tentar compreender os anseios que se manifestam, ir ao encontro das inquietações que se evidenciam, tentando fazer justiça onde for caso disso. Aos jovens, porém, devemos prevenir que contestar, só pelo prazer de contestar, de expressar inconformismo, de provocar agitação, é atitude perfeitamente estéril. Porque contestar é sobretudo testificar, dar testemunho. Aquele que contesta deve estar animado do anseio de trabalhar por um mundo melhor, de dar o seu esforço para que se possa construir uma sociedade mais justa e mais humana. Deve estar pronto a dar a sua cooperação a todos os esforços que possam surgir para melhorar, para reformar, para promover justiça.

O Escotismo pode ser considerado o primeiro movimento de juventude que resultou do espírito de contestação. Baden-Powell, depois de estar em contacto com povos de civilizações primitivas, que, apesar do seu atraso, cultivavam virtudes e energias bem humanas, ficou surpreendido pelo estado de decadência que foi descobrir na juventude britânica. Uma civilização que cultivava o luxo, o prazer, o excessivo comodismo, deixava perder as energias viris que se alimentam do esforço, do trabalho, da acção. Falando da sociedade do seu tempo, afirmava B.-P.: *Se se perguntar qual é o defeito mais espalhado na nossa nação, responderei: o egoísmo!* Falando de religião, dizia: *Procuramos pôr o Cristianismo em prática na vida e nos actos de cada dia, e não sòmente em professar doutrinas de domingo.* Fazendo um quadro dos defeitos nacionais que importava corrigir, B.-P. propunha o Escotismo porque *queremos prevenir, na próxima geração, alguns defeitos que aparecem na presente.*

Para além da contestação, portanto, o Escotismo procura o caminho para corrigir o que está mal, o que se encontra errado. Se os excessos de comodidade de uma civilização podem provocar o amortecimento das energias físicas e morais, o novo Movimento leva os rapazes ao campo, ao ar livre, para junto da Natureza tonificar o organismo e revigorar o corpo e o espírito. Também hoje os chamados *hippies* abandonam cidades e procuram viver no campo, isolados, fora da civilização. Mas enquanto o Escotismo leva ali os rapazes para uma actividade viril, cheia de entusiasmo, sem negar a civilização mas aproveitando o que ela tem de positivo, os *hippies* abandonam-se a uma vida primitiva, sedentária, promíscua, voltam ao selvagismo. O Escotismo cultiva o «selvismo» para reforçar energias e voltar à cidade e participar activamente na vida social.

Também os *hippies* fazem bandeira do Amor e não da Guerra. Baden-Powell não perdeu tempo a perorar sobre o Amor, afirmando que não era preciso que os rapazes fossem bons, mas antes que praticassem o Bem. Em vez de um amor platónico, por vezes duvidoso e sensual, o Escotismo fomenta a amizade entre todos os homens, o espírito de serviço, a Boa Acção diária, como método seguro de conseguir a compreensão e afastar as guerras.

Para além da contestação, o Escotismo é testemunho, acção pelo Melhor. Num mundo egoísta, onde reina a mentira e a falsidade, o Escoteiro, onde estiver, será agente de boa vontade, de simpatia, de sinceridade. O derradeiro apelo do Fundador permanece como exortação válida para estes dias: *Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes e quando vos chegar a vez de morrer, podeis morrer felizes sentindo que ao menos não desperdiçastes o tempo e fizestes todo o possível por praticar o bem.*

O XIII JAMBORI MUNDIAL

Continuação da pág. 1

pitalidade, vão constituir, com certeza, uma extraordinária experiência para esses rapazes idos de todos os cantos do mundo.

Asagiri Heights vai ser o palco dessa reunião, numa cidade de pequenas dimensões mas de vida febricitante durante os dias da sua curta existência. Infelizmente, por razões óbvias, os escoteiros portugueses não podem estar ali presentes. Necessário se torna, porém, que os nossos dirigentes levem a efeito as actividades que têm sido sugeridas, para que os nossos rapazes colham alguns dos benefícios que se pretendem alcançar com a realização de um Jambori Mundial.

Em prol do entendimento é o lema escolhido para o grande acampamento de Asagiri Heights. Pois que, em toda a parte onde se encontrem escoteiros, se compreendam os benéficos efeitos que o amor à paz e à compreensão entre os homens podem trazer a todos os povos da Terra.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

DE VIAGEM — O nosso dedicado amigo e assinante sr. Júlio Almeida Nogueira teve a gentileza de nos visitar antes de partir, em companhia de sua Esposa, para uma interessante viagem de turismo pelos países escandinavos. Agradecemos a atenção e desejamos-lhes uma excelente viagem.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

A MÃE NATUREZA



As plantas são pequenas fábricas de produtos químicos, que utilizam a energia solar como força motriz, retiram da atmosfera dióxido de carbono, servindo-se para isso das folhas; e da terra, através das raízes, recolhem água e substâncias químicas básicas.

Com esta matéria-prima sintetizam vasta gama de produtos, tão diversos como açúcares, gorduras, proteínas, vitaminas, celulose, etc. Em cada ano, as plantas de todo o mundo produzem 200 000 milhões de toneladas de materiais. Todos os produtos da indústria humana — navios, aviões, aço, têxteis, plásticos, etc. — não chegam a um centésimo da produção vegetal e, no entanto, as plantas realizam a fotossíntese — nome que designa a sua actividade química — com uma eficiência de dois por cento apenas, nível que seria intolerável na indústria.

Isto é: de toda a energia solar que sobre elas incide, as plantas utilizam dois por cento. Teòricamente, em condições ideais, poderiam dar o rendimento de trinta por cento.

GAMO LIGEIRO

As desventuras do Zé Escoteiro



O episódio que trazemos aos nossos leitores, foi respigado do «XIACNAC DIA QUATRO», Jornal que «Sempre Pronto» publicou no último acampamento nacional.

O dia aludido, como muitos se recordam, foi dedicado à confraternização, mas vejamos o que se passou com o nosso amigo Zé...

★

Havia convidados para jantar.

Dois escoteiros, de cada grupo acampado no Xiacnac, jantavam na companhia dos escoteiros dos restantes grupos.

— Zé, — sentenciou o chefe —, leva esta dúzia de ovos e faz um prato de ovos mexidos na frigideira.

— Pronto, chefe! — exclamou o Zé.

E, levantando-se rápido, encaminhou-se para a cozinha.

Os convidados esperavam impacientes o jantar, já que o nosso amigo estava há duas horas na cozinha.

Que petisco estaria a fazer?

O chefe não aguentou mais e foi à cozinha.

Zé Escoteiro encontrava-se de perna cruzada tocando animadamente uma viola.

— Então Zé, onde estão os ovos mexidos? — gritou o chefe.

— Estão na frigideira, — retorquiu o Zé, — mas os malandrins, por mais que eu toque a minha viola, não mexem nem um centímetro.

Quando estiveres no campo...



...Não mates, nem promovas a destruição descomedida dos ANIMAIS CHAMADOS NOCIVOS, porque, assim procedendo, pões em risco a sobrevivência das espécies consideradas úteis, cuja multiplicação desejas fomentar.

À luz da lógica simplista, pode parecer certo que, ao destruírem-se os animais nocivos, haja maior quantidade de animais úteis, uma vez que estes são, por vezes, vítimas dos primeiros.

Na realidade, esta lógica não é, em absoluto, verdadeira!

Certas espécies animais, presentemente do maior interesse para o homem, não teriam condições de sobrevivência se outras espécies, aparentemente sem interesse, não existissem simultâneamente, estabelecendo, entre si e com o ambiente que as cerca, um determinado equilíbrio natural.

O homem, intervindo com os meios que a ciência e a técnica lhe fornecem, pode colocar em grave risco este equilíbrio.

Admite-se que procure tirar o maior proveito possível das espécies que lhe interessam, mas já não se pode admitir que altere as condições naturais, em grande escala, sob pena de vir a ser vítima dos meios utilizados na defesa do que julga ser o seu interesse.

Os animais nocivos podem ser objecto da nossa atenção quanto à sua multiplicação, mas não devem ser sistemàticamente destruídos. Em geral, só se tornam nocivos, de facto, quando em superabundância, o que, em Portugal, excepcionando casos isolados, raramente sucede!

Diz isto aos teus amigos e a quem saibas pensar de diferente maneira!

Defende a sobrevivência dos animais, porque o desaparecimento de uma espécie é sempre uma forma de empobrecimento da nossa terra.

Valor moral e prático da prevenção



Os motivos em que se fundamenta a prevenção contra incêndios são de ordem moral e económica, pois que ocasionam danos materiais e por vezes físicos, quando é o caso de envolverem pessoas.

No aspecto moral existem duas premissas, que se relacionam:

— A primeira, é a de que a integridade física pode correr riscos, já não falando nos fatais, mas nos que provocam graves queimaduras ou outras lesões, o que se deve evitar, por ser um mal.

— A segunda, será uma certa culpabilidade interior das pessoas responsáveis, motivada pela consciência de não se ter feito tudo para prevenir, o que dá como resultado o mal-estar que se generaliza.

Do ponto de vista económico, é o destruir de bens materiais, são as perturbações na marcha do trabalho que ocasionam uma diminuição de produtividade global, são as complicações na estrutura orgânica que levam a perdas de difícil recuperação; é em última análise o falir de uma Empresa.

É, portanto, de esperar que os aspectos moral e económico estejam na base da prevenção, pois a moral tende para o bem comum e a economia procura o bem-estar social como objectivo da actividade produtora.

Uma moral positiva anima uma economia positiva que vê no homem um *valor supremo*, objectivo e sujeito preferente na prevenção.

Sejamos pois positivos, procurando o bem e então estaremos fazendo prevenção. — C. P. S.

Genebra encarrega-se da Administração da Formação Escotista

Desde 1 de Outubro de 1970, o serviço de formação da Secretaria Mundial assumiu a inteira responsabilidade pelos serviços e pela administração da formação ao nível mundial.

Até então, o Centro Internacional de Formação de Gilwell Park, na Inglaterra, prestou grandes serviços ao Movimento em matéria de formação, fornecendo insígnias, certificados, manuais de curso, etc. Doravante, as associações nacionais são convidadas a endereçar à Secretaria Mundial, por intermédio da sua secretaria regional, os pedidos daquele material. Instruções relacionadas com estas transformações estão sendo enviadas a todos os países escotistas, com o fim de estabelecer um procedimento apropriado.

Em resultado da decisão aprovada na Conferência de Helsínquia, em 1969, acerca de uma descentralização da formação, tornava-se necessária uma melhor coordenação. Contudo, deve-se assegurar a todas as associações uma inteira liberdade que lhes permita desenvolver os métodos consoante as suas necessidades.

Projectos em curso de métodos de ensino clássico e visuais estão actualmente a ser ensaiados em diversas regiões do mundo para encontrar uma fórmula que contribua adequadamente para a formação de bons chefes para os escoteiros de todos os países.

O ESCOTISMO DE EXTENSÃO EM PORTUGAL

COMO SE TRABALHA NESTE RAMO DE ESCOTISMO EM PORTUGAL

O ramo de extensão é dos mais interessantes e úteis aspectos do escotismo. «Sempre Pronto», logo que foram conhecidos os resultados dos primeiros ensaios feitos lá fora neste ramo, deu-lhes merecido relevo, o que constituiu certamente a primeira publicidade que entre nós se fez desta modalidade escotista.

A princípio olhado com certa estranheza, este ramo escotista é hoje forte realidade do movimento de diversos países que a ele têm dedicado a sua atenção, tanto assim que presentemente já não é admissível fazer reticências a esta modalidade escotista, tais os frutos que tem proporcionado.

Também em Portugal se enveredou por esta curiosa e proveitosa experiência há já alguns anos. No entanto, pouco se tem divulgado acerca do que foi alcançado neste ramo do nosso movimento. Foi com o intuito de pôr termo a este estado de coisas que nos dirigimos ao chefe Madeira Leitão, o homem a quem se deve, entre nós, a iniciativa do trabalho do ramo de extensão, a fim de termos uns momentos de conversa.

O encontro realizou-se na sede do 2.º grupo, na Calçada da Ajuda, e teve carácter informal, como é próprio de escoteiros, e começou desta maneira:

Madeira Leitão: — A ideia de, entre nós, se dar realidade ao ramo de extensão nasceu há 8 ou 9 anos aproximadamente, mas encontrou sério impedimento da nossa regulamentação, que só permitia que pertencessem ao movimento escotista indivíduos física e mentalmente sãos. Por conseguinte, só foi possível iniciar oficialmente o trabalho com diminuídos há questão de uns 7 anos, quando o Escoteiro-Chefe Geral me confiou a missão de trabalhar com cegos. Lancei-me nesse trabalho, trabalho difícil como se compreende, com o maior entusiasmo. Havia, contudo, a agravante de não termos pessoal especializado. Quer dizer, o trabalho foi duplo, porque havia a necessidade de adquirir essa especialização e ao mesmo tempo trabalhar os rapazes.

J. R. — E alcançou logo bons resultados?

M. L. — De facto, tivemos êxito. Conseguimos atingir bom nível com bastante rapidez, graças ao entusiasmo com que nos entregámos ao trabalho. Começámos com uma alcateia, uma tribo e um clã, trabalhos absolutamente diferentes uns dos outros. Posso dizer que tivemos ali uma boa alcateia, uma boa tribo e um óptimo clã. Por acaso, do trabalho do clã resultou um cancioneiro, cuja composição foi feita por um dos rapazes, sendo a letra da autoria de diversos. O rapaz que fez a composição, chamado Blanco, está agora aqui no 2. Tem o curso de piano do Conservatório e falta-lhe um ano para o de violino. Possui ainda o 5.º ano liceal.

Outro rapaz, que é o Primor, começou a traduzir o «Escotismo para Rapazes» para *braille*. Já estão prontos seis volumes, devendo faltar aproximadamente mais quatro.

Como se iniciou o trabalho

J. R. — Como nasceu a ideia de formar esse grupo de escoteiros na Casa Pia?

M. L. — Comecei a trabalhar com os cegos, pretendendo fazer um grupo modelo, um grupo piloto, digamos, para mostrar a certas pessoas, que inclusivamente estavam metidas no movimento dos cegos, que estavam erradas quanto à integração. O cego ou qualquer outro deficiente devia de se preparar e alcançar determinado nível para se poder integrar na sociedade. Verificou-se que tínhamos razão. Até o número do grupo é uma coisa engraçada: tem o dois, donde é filho, e o um, por ser o primeiro grupo de deficientes.

«Foram algumas pessoas da Casa Pia, que me conhecem, que vieram aqui à sede do 2 convidar-me para tomar conta de um grupo a formar naquela instituição. Expus então a minha ideia e o que pensava sobre a sua utilidade e conveniência para a própria instituição. Começámos a trabalhar com a Pina Manique (normais), depois com os atrasados. Uma pessoa especializada



Escoteiros surdos-mudos, durante uma exposição escotista realizada nas instalações da Casa Pia de Lisboa

veio ter comigo, porque tinha grande interesse, em face de conhecer o trabalho com os cegos, de saber o que poderia fazer com os atrasados. Começámos então a trabalhar com os deficientes e obtivemos os resultados já conhecidos. Depois, vieram a Maria Pia (normais) e os mudos. Fui para lá, expus as condições, comecei a especializar pessoal, que depois deixei trabalhar, embora sob a minha orientação. Faço visitas às secções, umas são marcadas prèviamente, outras são inesperadas, o que também tem o seu objectivo.

Na Casa Pia, temos rapazes normais em duas secções, a 5.ª e a 6.ª, a 7.ª é de mudos, lobitos e escoteiros, e a 4.ª é de deficientes atrasados. Os mudos são efectivamente surdos, porque quando passam a ouvir começam a falar. O director do Instituto Jacob Rodrigues Pereira já manifestou o agrado pelo convívio que o escotismo tem proporcionado aos mudos, dizendo que considerava bendita a hora em que o nosso movimento entrou naquela instituição, pelos óptimos resultados alcançados não só no aspecto do convívio, mas também na questão de formação, desembaraço, conhecimento e até quanto aos resultados técnicos.

J. R. — Mas não surgiram problemas com este trabalho?

M. L. — Com certeza que surgiram. Olhe, com os cegos tivemos um problema com o uso da bengala. Os cegos não gostavam de a usar porque dá a conhecer aos outros a sua deficiência, pelo que se sentiam humilhados. A bengala não se usa de qualquer maneira. É habitual ver-se os cegos bater com ela nos passeios e nas paredes. Esses cegos não estão educados para o uso da bengala. No escotismo, temos treinado o seu uso. Impusemos uma coisa: para actividades externas só era permitido aos escoteiros sair desde que levassem o «radar», como denominámos a bengala. Daí em diante, eram os próprios rapazes que incutiam no espírito dos outros que não eram escoteiros a ideia de que a bengala era necessária e útil.

Os diminuídos físicos e o escotismo

J. R. — Como encaram esses rapazes o método escotista?

M. L. — Da melhor maneira. Têm mesmo grande entusiasmo pelas actividades e demonstram grande eficiência nos exercícios. Quando o Núcleo de Lisboa levou a efeito, em Belas, o acampamento comemorativo dos 60 anos do Escotismo Mundial, participaram nesse exercício vários escoteiros cegos. Qualquer deles tinha determinada função, como outro qualquer escoteiro. Um ia buscar lenha ou água, outro vigiava a fornalha, outro atendia o telefone, outro tomava conta das entradas e saídas. À porta, havia um cão-polícia. Quando este ladrava, o escoteiro dirigia-se para o lado onde o animal se encontrava, a fim de atender as pessoas.

O interessante é que houve uma visita de jornalistas e, como a chefia do campo se encontrava noutro extremo do recinto, quando chegou junto dos jornalistas já estes tinham visitado o acampamento, guiados por um escoteiro absolutamente cego.

O convívio com outros escoteiros

J. R. — E nas relações com os escoteiros doutros grupos, têm surgido problemas?

M. L. — Não, pelo contrário. Eles gostam de conviver com os outros rapazes e fazem-no com grande à-vontade e alegria enorme. Criam logo amizades e sabem distinguir o carácter daqueles com quem simpatizam mais. Há uma particularidade muito interessante nos cegos: não criam problemas, mas são muito exigentes. São exigentes com os profesores, com os chefes dos escoteiros, com os empregados das instituições. Isto talvez por os cegos serem indivíduos mais evoluídos, porque a sua incapacidade obriga-os a desenvolverem-se mais intelectualmente. Como não vêem, são

A Regulamentação do Ramo de Extensão

Em 1966, foi publicado no *Boletim Oficial* a nova redacção do artigo 16.º do Regulamento Geral, na qual se prevê a constituição de grupos do Ramo de Extensão. Esse artigo passou a ter a seguinte redacção:

Artigo 16.º — *Não poderão ser admitidos os indivíduos que sofram de doenças contagiosas, evolutivas ou mentais, podendo, no entanto, ser autorizada a admissão dos que, embora possuidores de defeitos físicos ou outras deficiências, não estejam impossibilitados de praticar o Escotismo com base nas provas que lhes sejam especialmente destinadas.*

§ único — Os indivíduos a que se refere a parte final deste artigo só poderão ser inscritos em Grupos especialmente criados para esse efeito ou em Grupos já existentes, desde que a Direcção da Associação reconheça possuírem as condições necessárias.

obrigados a suprir essa falta com outras faculdades, entre as quais a inteligência.

«O sentido de orientação, por exemplo, é feito através do ouvido. O cego assim educado, consegue andar direito, o que nós, que vemos, não conseguimos fazer desde que nos tapem os olhos. Para se apreciar a maneira de ser dos cegos, conto-lhe o seguinte episódio: num domingo, depois de dar instrução, quando voltava do Estoril, vim acompanhado de um professor totalmente cego. Depois de descermos no Cais do Sodré, ele ia tomar o carro que sobe a Rua do Alecrim. Fui com ele, mas em determinada altura ele pára e diz: «Chefe Madeira Leitão, não sabe o que este malandro me tem feito». Fiquei admirado, porque ali não estava mais ninguém. «Mas qual deles — pergun-



Escoteiros e lobitos das secções criadas na Casa Pia de Lisboa pelo Grupo 2

tei eu. — Será o meu amigo ou serei eu?» «Não é nenhum de nós, é este malandro que aqui está, que, de vez em quando, se apresenta à minha frente. Vou a contar que ele não está ali e realmente não está. Mas, quando passo, põe-se à minha frente. Não calcula as cabeçadas que temos dado um no outro». Só então vi que o meu camarada estava fazendo humorismo com o assunto. De facto, tratava-se de um poste dos eléctricos que estava ao lado de um candeeiro. Quando ele procurava fugir do poste, ia bater no candeeiro, e vice-versa.

A aplicação do método escotista

J. R. — O sistema de patrulhas é aplicado como no movimento em geral?

M. L. — O sistema é absolutamente o mesmo. Cada patrulha tem o seu guia, o subguia, o secretário e os restantes cargos. Simplesmente uma só diferença: as patrulhas são constituídas apenas por 5 escoteiros. Explico: antigamente, cada patrulha compunha-se de 7 ou 8 elementos. O rapaz que tivesse condições para guia, dominava os outros 7 rapazes, ou mesmo 8 ou 10, contando com aqueles que estavam adidos à patrulha, aguardando número suficiente para a formação de uma outra. Hoje, não há rapaz que consiga dominar 7 amigos, andar com eles e manter um contacto diário com todos. Há quem assim não pense, e eu respeito a opinião dos outros, como desejo que respeitem a minha. Assim, 4 ou 5 elementos é agora o ideal, quer para o guia, quer para os outros. É afinal o mesmo espírito do clã. É que nós já estávamos actualizados! Com os cegos, dá-se precisamente a mesma coisa, com a diferença de que se observa neles ainda maior entendimento, maior coesão. Uma patrulha forma um todo; são vários bocadinhos a trabalhar, cada um no seu posto, para um conjunto. Os cegos têm um espírito de patrulha muito arreigado. Dão-se com todos, colaboram com todos quando é altura de colaborar com todos. Mas quando toca a uma competição, fecham-se mais que os que vêem normalmente.

A integração na sociedade

M. L. — Chegámos a fazer a experiência, mas verificámos que a rápida integração de escoteiros cegos em grupos de escoteiros normais não era conveniente. Dava-se um grande choque de que resultava uma quebra de ritmo e dessa quebra sobrevinha a diminuição do entusiasmo. Tentámos, então, uma integração lenta. Os rapazes não diminuídos é que os vieram buscar e ensinar, começando a haver um verdadeiro interesse pelos cegos, como mais tarde aconteceria com os mudos e atrasados.

«Quanto à integração na sociedade, surge ainda outro problema: é que se tem falado muito em integração, mas a sociedade é que não está preparada para isso, nem sabe qual é a utilidade dos cegos e dos deficientes motores e onde é que eles podem ser úteis e válidos. Nós empreendemos uma outra missão que é de mentalizar pessoas para receber cegos. A primeira entidade que apareceu foi a Messa. Nessa altura estava lá um engenheiro de produção, o Eng.º Galo, hoje administrador, que se admirou com a minha proposta. Disse-me para fazer um estudo na fábrica sobre as funções que poderiam ser desempenhadas não só pelos cegos, como por outros deficientes. Desloquei-me lá, fiz esse estudo. Como se pode verificar presentemente, há lugares em que os deficientes são úteis e até produzem mais que uma pessoa normal. Explico porquê: há os deficientes motores, sem pernas, que estão sentados numa cadeira de rodas, junto ao tapete rolante. Um monta o seu bloco, outro, mais adiante, continua o trabalho e assim sucessivamente até o último, que faz o bloco total. Não é preciso ter pernas para fazer aquele trabalho. O cego vai para a produção. Blocos com a altura desta casa, blocos que caem e aparece logo a peça feita, furada e tudo. Acontece o seguinte: os cegos dão maior produção que o indivíduo de visão normal, porque têm de estar com atenção, pois de contrário podem ficar sem um dedo ou uma mão. Têm brio pessoal e querem demonstrar que não serão inferiores no trabalho. O que vê, olha para o lado, conversa e distrai-se. O cego não. Tem de estar concentrado, porque a sua visão está, por assim dizer, na mão e no cérebro. Isto dá uma certa continuidade ao trabalho. Podem dizer: mas isso demanda um grande esforço. Mas não, porque eles possuem um grande treino de concentração e alheiam-se fàcilmente do meio ambiente. Para nós, essa concentração seria um esforço; para eles é normal.

«Nós, por exemplo, quando falamos com uma pessoa, somos influenciados, e muitas vezes induzidos em erro, pelo seu semblante, o seu sorriso, os seus gestos. Os cegos não, entram melhor no íntimo das pessoas, avaliando as suas palavras, a rapidez com que falam. Através do ouvido, fazem o seu raciocínio.

As actividades

J. R. — Que actividades especiais tem levado a cabo?

M. L. — Há pouco tempo fizemos uma visita de estudo, com os mudos, ao «Diário de Notícias». Os rapazes interessaram-se muito, a ponto de andarem a perguntar como é que o papel entrava na rotativa, como era agarrado, porque é que não sujava, apesar de acabar de ser impresso e vir cá para fora aos maços de 50. Explicámos-lhes que era por meio de um secante. Quiseram ver aquilo por dentro e por fora.

«Noutra visita que fizemos com os cegos ao «Século», estes apresentaram um relatório como há muitos anos não via. Um dos rapazes, já falecido, a quem eu por brincadeira chamava o *meu secretário internacional*, estava em contacto com várias associações de cegos e inclusivamente com uma associação escotista esperantista de cegos! São mais exigentes que os outros. Querem sempre mais.

«Os cegos obtêm normalmente bons conhecimentos escotistas. «Sempre Pronto» já teve oportunidade de avaliar do nível intelectual dos cegos durante a festa da secção do Beato do 2.º grupo e na do aniversário do grupo 7.

«Este ano, pensamos fazer, antes das férias, uma visita de estudo a um jornal, novamente com os cegos. Com eles, fazemos diversas visitas: vamos a museus, vamos a casas comerciais, porque eles têm interesse em conhecer, por exemplo, artigos electrodomésticos. Combinamos com um amigo que tenha um destes estabelecimentos e, num domingo, vamos até lá. Eles então apalpam os artigos e fazem perguntas, a fim de ficarem com uma ideia sobre o funcionamento dos aparelhos. Temos também dado cinema. Quando é sonoro, eles ouvem e depois apresentam as suas ideias acerca da imagem; quando não é sonoro, há um rapaz que lhes vai narrando o que vê. Depois eles interpretam o filme como ouviram. Há muitas pessoas interessadas no ramo de extensão, e muitas delas nem sequer são escoteiros.

«No caso dos mudos há a referir que eles têm uma mímica, própria. Porém, nós começámos a usar, quanto à mímica, um processo diferente. Utilizamos a mímica deles e introduzimos ao mesmo tempo a nossa mímica, porque cada qual tem a sua mímica, embora esta se assemelhe à ideia que queremos transmitir, visto que a mímica não é mais que uma forma de transmissão de pensamento. Os rapazes mudos vieram cá para fora e passam a falar com os outros e a perceber a mímica de qualquer deles. Há uma forma de educar o surdo-mudo através da nossa fala. Falamos directamente para eles, devagar, mexendo os lábios. Depois de treinados, os surdo-mudos percebem a maior parte das palavras.

«Quanto aos atrasados, temos de tornar as coisas simples e arranjar uma conversa atraente para eles. Para a formação desses rapazes, há um factor funda-



Os garbosos rapazes das secções que o Grupo 2 mantém na Casa Pia de Lisboa

mental: é o afecto. Quando esses rapazes conhecem a pessoa e confiam nela, são firmes na sua amizade, porque querem assim compensar quem se interesse por eles, com o seu reconhecimento, pelo que não têm o espírito de revolta. Por outro lado, possuem um espírito de crítica e de observação muito apurado, apesar de serem atrasados, visto que têm momentos de grande lucidez, seguidos doutros de grande abaixamento de faculdades.

Os colaboradores neste trabalho

J. R. — Quem os seus colaboradores nesse trabalho?

M. L. — Tenho colaboradores em todas essas secções. No grupo 21 é o chefe Luís Matos. O chefe de tribo é aqui o chefe dos serviços administrativos do 2, o Vítor Ferreira. Na alcateia dos cegos, temos as sr.as D. Maria Manuela Norton e D. Maria Luísa Ribeiro e a menina Maria de Lurdes. Há ainda a minha filha, Ester Madeira, que se especializou no *braille*, indo depois dar lições e uma senhora na Rua Saraiva de Carvalho, as quais depois se dedicaram a traduzir livros para aquele alfabeto.

«Na secção dos mudos, é o chefe Bragança que está encarregado da tribo. Este

Continua na pág. 6

XXXVI Poemeto filatélico

Diante dos selos comemorativos do Centenário do Marechal Carmona

Correcto Chefe de Estado
de formação marcial,
no trato, tão educado,
tão gentil e natural,
a justo título dado,
teve o bastão de marechal.

No «Portugal afastado»,
em viagem triunfal,
interpretou, de bom grado,
o sentir tradicional,
ao dizer, firme, enlevado:
«Isto aqui é Portugal!»

Eduardo Moreira

O ESCOTISMO DE EXTENSÃO EM PORTUGAL

Continuação da pág. 5

rapaz que aqui está, o nosso electricista, é o chefe da alcateia dos mudos. É deficiente visual. Nos atrasados, temos um rapaz que veio da Pina Manique e está a preparar um ajudante. Todos estes dirigentes, receberam uma preparação aqui no 2 para esse trabalho, porque nenhuma experiência tinham nessa missão. Hoje trabalham sòzinhos, embora sob a minha orientação.

E é engraçado que até ao princípio das férias, os mudos têm um dia por semana em que as patrulhas montam um acampamento. Uma das patrulhas, em vez de jantar na instituição, tem de fazer o jantar, o que faz com que aprendam a cozinhar uma série de pratos. Tanto os rapazes, como os professores estão possuídos do maior entusiasmo. Estes últimos, estão sempre caídos nessas reuniões, a fim de apreciar o trabalho dos rapazes.

J. R. — Que outra particularidade quer ainda revelar?

M. L. — Olhe, por exemplo, o ramo de extensão pode ir até à prisão. Tenho aqui no 2 um rapaz que estava no Monsanto. Quis ser escoteiro, eu fui lá à prisão, falei com ele. Queria montar uma patrulha na prisão, o que porém não foi possível concretizar. Então tratei-o como escoteiro, fez vários trabalhos, dei-lhe livros. Veio por fim cá para fora. Antes de sair, casou na próprio prisão. Hoje é pai de três filhos e um bom chefe de família. Mora na Amadora. Vem aqui todos os anos dar a sua colaboração na festa do Natal, como reconhecimento pelo grupo que o salvou.

«A obra está a singrar. O grupo 21 já comemorou o 6.º aniversário. A princípio, era uma secção do 2. Alguns dos rapazes estão aqui enquadrados, porque, devido à sua vida profissional, não podem colaborar no 21. Uns quiseram passar para o grupo-mãe; outros estão como adidos, mas pertencem ao 21. É conforme eles querem.

A hora já ia adiantada. Foi necessário terminar aqui esta útil troca de impressões. Através desta conversa, ficámos a saber da eficiência do método escotista, nesta curiosa modalidade, melhor, nesta vantajosa modalidade que é a de extensão. Que o seu exemplo possa frutificar e novos grupos deste ramo possam surgir por todo o país, a bem daqueles que, mais que qualquer outra pessoa, necessitam do amparo e do interesse do seu semelhante.

Joel Ribeiro

OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL NO JAMBORI DE 1920

Conforme referimos no último número, foram onze os escoteiros portugueses que participaram no primeiro Jambori Mundial, que se realizou em Londres.

Por lapso, só indicámos os nomes de dez, omitindo um que não foi dos menos ilustres membros do nosso Movimento e veio a ser Dirigente dedicado e prestigioso, o nosso estimado Amigo e assinante sr. Dr. Dinis Curson. Pedimos desculpa do lapso e agradecemos o útil e pertinente reparo do nosso estimado Amigo e assinante patrocinador sr. Albano da Silva.

Do Entroncamento

Grupo n.º 84

Peregrinação a Fátima

Nos dias 12 e 13 de Maio p. p., este grupo levou a efeito uma peregrinação ao Santuário de Fátima, com seis caminheiros e três escoteiros, os quais fizeram o percurso de ida a pé.

Prestaram ali bom serviço, tendo desempenhado funções na secretaria do Santuário.

Convívio com escutas de Santarém

A convite do grupo do CNE de Santarém, o 84 fez-se representar nas festas do aniversário daquele grupo.

Depois das promessas, houve um almoço de confraternização escotista e, na parte da tarde, realizaram-se vários jogos na cidade, onde o 84 alcançou um dos primeiros prémios.

Lobitos

Tem-se desenvolvido o movimento de lobitos. Por enquanto, só tem havido actividade de sede, pois o tempo não permitiu actividade ao ar livre.

É de louvar o esforço feito pelas Aquelás.

As avezinhas têm também tido actividades do mesmo género das dos lobito. — *Vítor Vergamota.*

Banco Escotista Universal de Selos

Alguns amigos, escoteiros e antigos escoteiros, têm continuado a fazer remessa de selos postais usados para o Banco dos Selos a favor da expansão do Escotismo, especialmente entre os deficientes. Entre outras, registamos a oferta dos srs Fernando Gomes Carrão, Caminheiro Jorge Nobre Santos (674 selos) e Eduardo Alves da Silva (de Angola). Agradecemos.

Acampamento de Pioneiros no Malawi

Veio nos jornais a notícia de que o sr. Ministro do Ultramar visitara um Acampamento de Pioneiros, no Malawi, por ocasião da sua visita àquele país.

Um nosso leitor perguntou-nos se no Malawi não havia escoteiros. Informámo-lo de que realmente não consta que ali exista escoteiros actualmente.

ANTIGOS ESCOTEIROS

A Fraternal tem novos dirigentes

Foi realizada recentemente a eleição dos Corpos Gerentes da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal para o biénio de 1971/72.

À Direcção, volta a presidir o nosso amigo sr. dr. Eugénio Henrique Ramos, dedicado antigo escoteiro, que não quis, apesar das suas muitas ocupações, deixar de prestar mais este serviço à Fraternal.

Por absoluta falta de espaço, só no próximo número poderemos referir-nos a este acontecimento mais detidamente.



Alexandre de Ascensão Cardoso

Em 15 de Junho passado, faleceu em Londres, depois de uma intervenção cirúrgica, o antigo escoteiro e nosso assinante desde sempre sr. Alexandre de Ascensão Cardoso, de 61 anos de idade.

Fez o compromisso de honra como escoteiro em 4 de Abril de 1924, no Grupo n.º 11 do Liceu de Camões, tendo feito parte da patrulha de que era guia o actual Presidente do Conselho de Ministros.

Mais tarde, abandonou o curso liceal para ir estudar Comércio. Frequentou então a Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio, donde seguiu para o Instituto Comercial. Como naquela escola existia o 2.º Grupo de Escoteiros, Ascensão Cardoso transitou para ali, tendo sido um escoteiro aplicado, de grande entusiasmo, colaborador dedicado do chefe Luís Grau Tovar de Lemos

Por essa altura, tornou-se dedicado e válido colaborador do Secretário-Geral da AEP, o qual, reconhecendo-lhe grandes qualidades, lhe entregou parte da correspondência, a preparaparação de parte do jornal «O Escoteiro», expedição deste e administração do SMU, isto quando a AEP tinha grupos, pode dizer-se, em toda a parte e o seu efectivo andava à volta de 6000 escoteiros. Ascensão Cardoso ajudava em todos os sectores e lá se via ir levar ao correio geral todos de jornais e pacotes com artigos requisitados ao SMU.

Em 1929, tomou parte no Jambori da Maioridade. Em 1932, vemo-lo chefe ajudante do Grupo 13 e, mais tarde, nos Serviços Centrais, como Secretário-Geral, Tesoureiro-Geral e Secretário das Relações Internacionais.

Possuía várias recompensas da AEP e cremos que uma do CNE, pois durante muito tempo foi agente de ligação entre as duas associações.

Profissionalmente, era técnico de contas muito brilhante. Cooperou activamente na respectiva secção do Sindicato dos Profissionais de Escritório, colaborou nos estudos sobre normalização de contabilidade e representou aquele Sindicato num congresso de especialistas que se realizou há poucos anos na Itália.

À família enlutada, «Sempre Pronto» endereça as mais sentidas condolências

O ESCOTISMO NA CAPITAL

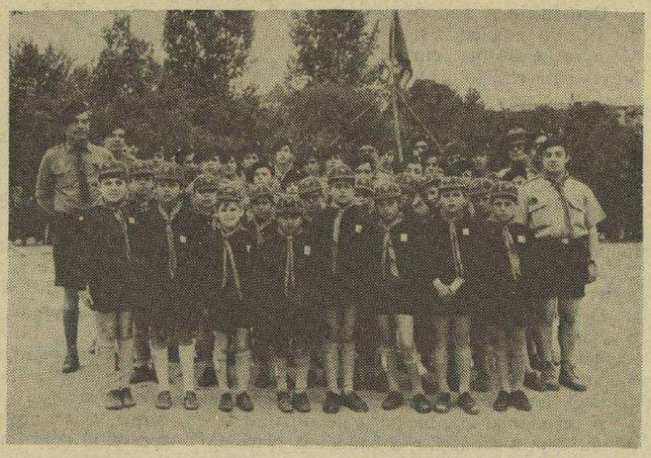
Continuação da pág. 8

A sessão solene

Terminadas as provas de natação, seguiu-se a sessão solene para entrega de medalhas do festival de 1970.

Presidiu o Escoteiro-Chefe Geral, ladeado pelo Sr. Presidente do Clube Sportivo de Pedrouços e mais individualidades presentes.

Durante a cerimónia, foi entregue a insígnia de Cavaleiro da Pátria ao Chefe do Grupo n.º 7, Armando Carlos e, num momento de especial emoção, foi conferida ao Clube Sportivo de Pedrouços a medalha de Agradecimento, classe ouro, da A. E. P., com que a Direcção da Associacão, por proposta do Núcleo A, agraciou o popular e prestigioso clube.



Os escoteiros e lobitos da secção do Grupo 2 que funciona no Instituto Jacob Rodrigues, na Casa Pia de Lisboa (surdos-mudos e outros deficientes)

CLASSIFICAÇÕES

Provas para lobitos

25 metros livres: 1.º José Pedro Mesquita, 1.03 00, G. 2; 2.º Luís Baptista, 1.09.00, G. 14; 3.º José Manuel da Costa, 1.43.00, G 21.

50 metros «Crawl»: 1.º David Evans, 45.04, G inglês; 2.º Gerard Deffense, 51.02, G. inglês; 3.º Horald Kinde, 1.02.00, G inglês.

50 metros bruços: 1.º Luís Marques Baptista, 1.04 04, G. 14; 2.º Gerard Deffense, 1.43,05, G. inglês; 3.º Crisfforw World, 2.00.00, G. inglês.

Provas para escoteiros juniores

50 metros livres: 1.º Manuel Luís Fernandes, 54.00, G. 2; 2.º Calasares Duarte, 1.06.04, G. 7; 3.º Luís Guimarães Conceição, 1.11.09, G. 2.

50 metros «Crawl»: 1.º Simon Ward, 39,C0, G inglês; 2.º Michaird Evans, 40.00, G. inglês; 3.º António Rações, 43.00, G. 14.

50 metros costas: 1.º Malcolm Thonson, 1.04.00, G. inglês; 2.º David Evans, 1.17.07, G. inglês.

50 metros bruços: 1.º Fernando Ferra, 52 00, G. 14; 2.º Richard Evans, 1.02.04, G. inglês; 3.º Francisco Joaquim Granger, 1.04.03, G. 2

Provas para escoteiros seniores

50 metros livres: 1.º Manuel Duarte Antunes, 45.00, G. 2; 2.º José Manuel Machado, 50.00, G. 2; 3.º Manuel Fonseca Conceição, 1.07 03, G. 2.

50 metros «Crawl»: 1.º Carlos Estevens, 37.00, G. 7; 2.º Bondoim Deffense, 40.00, G. inglês; 3.º Rui Guig Dias, 40.06, G. 7.

50 metros bruços: 1.º Bondoim Deffense, 51.04, G. inglês; 2.º Alfredo Gradim, 53 04, G. 7; 3.º Carlos Estevens, 55.00, G. 7.

50 metros costas: 1.º Mário Manuel Dinis, 1.02 05, G. 16; 2.º Bondoim Deffense, 1.05.00, G. inglês; 3. Rogério Ribeiro, 1.21 02, G. 7.

100 metros «Crawl» — Especial: 1.º Jorge Mata, 1.24.05, G. 14; 2.º Francisco Joaquim, 2.18.00, G. 2.

Provas para caminheiros

50 metros livres: 1.º Rui M. Severino, 40.09, G. 7; 2.º Vítor Manuel, 1.01.04, G. 2; 3.º Francisco Xavier, 1 07.00, G. 2.

50 metros costas: 1.º José Manuel Batoca, 57.02, G. 14; 2.º Rui Fonseca, 1.13.08, G. 7.

50 metros «Crawl»: 1.º Rui M. Severino, 39.00, G. 7; 2.º António Sousa, 42 00, G. 14. 3.º José Manuel Batoca, 47.00, G. 14.

50 metros mariposa: 1.º José Sousa, 43 09, G. 14; 2.º Carlos Mata, 44.08, G. 14.

100 metros «Crawl» — Especial: 1.º Agostinho Fernandes, 1 53.00, G. 5.

Estafeta de 5 × 25 metros livres

Classificações	*Grupos*	*Tempos*
1.º	14	1.24 08
2.º	14	1.26 08
3.º	7	1.31.06
4.º	2	1.36.01
5.º	Inglês	1 37 01
6.º	Misto	1.57.00
7.º	79	—

Escoteiros-rãs

Ex æquo { 2 — Luís Filipe Guerra; 2 — Vítor Brado; 2 — António Bragança; 7 — Armando Carlos

Provas dos Chefes

50 metros livres: 1.º João Vieira, 36.04, G. 14; 2.º Eduardo Silva Ramos, 41.07, G. 14; 3.º Rogério Rodrigues, 43.00, G. 14.

Classificação por Grupos

Classificação	Grupos	Pontuações
1.º	14	340
2.º	2	300
3.º	Inglês	260
4.º	7	220
5.º	5	30
6.º	16	30
7.º	79	—
		1.180

ARMANDO INÁCIO

Mais vale merecer honras e não as ter, que, tendo-as, não as merecer.

Comemorações do Dia de Portugal

O Núcleo A de Lisboa dos Escoteiros de Portugal promoveu diversas cerimónias integradas nas Comemorações do Dia de Portugal. Às 10 horas, uma deputação de escoteiros depôs uma palma de flores no túmulo de Luís de Camões, nos Jerónimos.

Escoteiros do Grupo 2, em formatura, dirigiram-se antes desta cerimónia, ao cemitério da Ajuda, tendo prestado homenagem ao Almirante Gago Coutinho, depondo um ramo de flores na sua campa, repetindo o acto na casa onde nasceu o ilustre geógrafo na calçada da Ajuda.

Os Lobitos deslocaram-se ao Hospital de D. Estefânia, tendo distribuído guloseimas às crianças internadas, enquanto os escoteiros se dirigiram ao Asilo dos Inválidos de Trabalho, onde ofereceram lembranças aos assistidos por aquela instituição.

Vai reunir-se em Tóquio a XXIII Conferência Mundial do Escotismo

De 12 a 17 do próximo mês de Agosto, isto é, logo após o Jambori Mundial, reúne-se em Tóquio a 23.ª Conferência Mundial do Escotismo.

Trata-se de um importante acontecimento do escotismo mundial, não só por se realizar numa altura em que o nosso movimento está em pleno surto de desenvolvimento e em que a Secretaria Mundial passou por profundas remodelações que a tornam mais apta a oferecer uma colaboração, cada vez mais útil e oportuna, a todos os empreendimentos escotistas.

Por outro lado, os assuntos a debater são de primordial importância. Em primeiro lugar, serão analisados os resultados da resposta ao questionário mundial acerca das aspirações e atitudes da juventude escotista e estudadas as propostas que as associações membros queiram submeter à apreciação da Conferência.

Outro item relevante da agenda é o exame das recomendações feitas nas últimas conferências, que tiveram grande influência no trabalho de reorganização e de reformas que estão sendo levadas a cabo, em todos os níveis.

A conferência dedicará ainda a sua atenção ao estudo das conclusões a que se chegou nas quatro conferências regionais que se realizaram no ano passado e à avaliação, de forma crítica e sistemática, dos aspectos positivos e negativos das actividades das cinco Secretarias regionais e da Secretaria Mundial do Escotismo.

Duma forma geral, pode dizer-se que em Tóquio vão ser atentamente definidas e analisadas as necessidades do movimento escotista à escala mundial. Estamos certos de que, tal como se diz no programa desta Conferência que a Secretaria Mundial editou, esta reunião será um acontecimento de alto valor de que o escotismo do mundo inteiro vai poder tirar grande proveito.

O XIV JAMBORI NO AR realiza-se no mês de Outubro

A realização do XIV JOTA está marcada para os dias 16 e 17 de Outubro p. f.

Segundo temos conhecimento, a Organização Nacional iniciou já os primeiros preparativos desta grande actividade, em que os escoteiros portugueses têm revelado uma actuação a todos os títulos digna de louvor.

Foi já editada uma relação completa dos radiamadores do Continente, das Ilhas e das Províncias Ultramarinas.



Núcleo A de Lisboa

Grupo n.º 21

Investidura de Lobitos e Escoteiros

Integrado nas comemorações do 6.º aniversário, este Grupo levou a efeito, no passado dia 30 de Maio, no Instituto Jacob Rodrigues, instalado na Casa Pia de Lisboa, em Belém, a cerimónia da promessa de 5 lobitos e 9 escoteiros, respectivamente:

António Carlos Silveira, de 8 anos; Albertino Lopes Nunes, de 8 anos; Carlos Manuel Ferreira, de 9 anos; Ernesto Manuel R. Chora, de 10 anos; Joaquim José N. Dias, de 12 anos; Franklim Coelho, de 14 anos; João Pereira, de 14 anos; João Manuel, de 14 anos; Jorge Marques, de 15 anos; Vítor Redol, de 12 anos; Fernando Almeida, de 13 anos; Manuel Santos, de 12 anos, Albano Mesquita, de 12 anos e Carlos Simões, de 13 anos.

Trata-se do primeiro Grupo português de deficientes visuais que, com excepção dos chefes, é constituído só por cegos.

À cerimónia, que se realizou ao ar livre, assistiram os Srs. prof. Carlos Ascensão, director do Instituto Jacob Rodrigues, estabelecimento onde funciona um grupo de escoteiros surdos-mudos, Dr. Augusto Medina, professor do Instituto Branco Rodrigues, onde funciona o Grupo n.º 21, Dr. Carvalho Coelho, presidente da Direcção do Grupo n.º 21, professoras e empregadas do Instituto Branco Rodrigues e ainda a sua regente, Sr.ª D. Maria dos Prazeres.

Presentes também algumas pessoas das famílias dos escoteiros; vários escoteiros de alguns Grupos de Lisboa e também um representante dos Antigos Escoteiros, Sr. Henrique Alves de Azevedo.

Deu início à sessão o chefe do Núcleo, Sr. Madeira Leitão que, em breves palavras, colocou a assistência ao corrente da cerimónia, pedindo desculpa de qualquer erro que pudesse haver, visto os escoteiros cegos estarem ainda no início da sua carreira.

Seguidamente, acendeu-se uma pequena fogueira e foi lida pelo Chefe Matos, a Lei do Escoteiro seguindo-se breves explicações sobre o significado dos seus artigos.

Depois deste cerimonial, os lobitos, perante o Chefe do Núcleo, fizeram a promessa e os escoteiros perante o Chefe Matos, proferiram o compromisso de honra, após o que as madrinhas lhes ofereceram o lenço e o chapéu.

A cerimónia, que foi bastante simples, terminou com a saudação às bandeiras Nacional e do Grupo.



Escoteiros cegos do Grupo n.º 21

O VII Festival de Natação

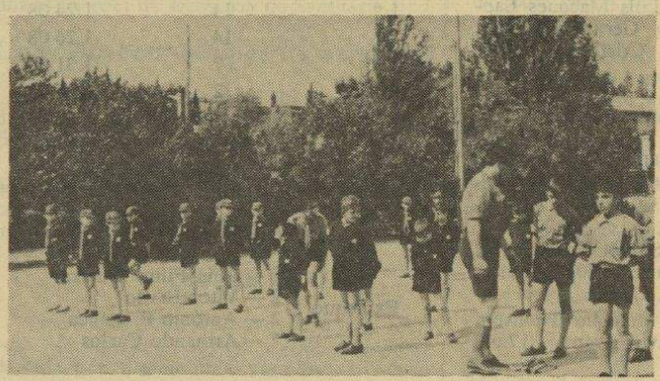
No dia 27 de Junho, p. p., na piscina do Clube Sportivo de Pedrouços, pelas 10 horas da manhã, teve lugar o VII Festival de Natação que o Núcleo de Lisboa tem vindo a realizar, com crescente êxito, desde 1964.

Presentes, além de 105 nadadores não especializados e de numeroso público, que sempre tem acarinhado esta iniciativa, essencialmente composto de antigos e actuais escoteiros, encontravam-se os Srs. Escoteiro-Chefe Geral, comandante Tengarrinha Pires, e esposa, Manuel Peixoto, Secretário das Relações Internacionais da A. E. P., Luís Alves Miguel, antigo escoteiro e glorioso veterano da natação, directores do Clube Sportivo de Pedrouços, Chefe Regional e Tesoureiro Regional do C. N. E. e ainda cronometristas federados na F. P. N.

Concorreram ao VII Festival os Grupos n.os 2, 5, 7, 14, 16, 21 e 79 e ainda o Grupo dos escoteiros ingleses de Carcavelos.

Neste festival, efectuaram-se pela primeira vez provas de 100 metros em todos os estilos, o que trouxe novas possibilidades aos concorrentes, principalmente aos mais velhos.

As provas foram todas rijamente disputadas e demonstraram elevado cunho escoteiro, tanto da parte da organização, como dos participantes, que souberam sempre manter-se disciplinados, o que nem sempre é fácil, devido ao recinto demasiado pequeno para tantos participantes.



Compromisso de honra e promessa de escoteiros e lobitos cegos

Escoteiros-rãs, a surpresa do Festival

Pela primeira vez foram apresentados em Portugal 4 escoteiros-rãs. Foi uma nota sensacional no Festival.

Fizeram exercícios de estudos ao local e demonstrações técnicas tais como: respiração no fundo e salvamentos.

Os quatro escoteiros, três do Grupo n.º 2 e um do Grupo n.º 7, são oficialmente especializados e possuem já equipamento próprio de homens-rãs.

Cegos, deficientes e surdos-mudos

Uma prova de competição foi realizada pelos escoteiros dos Grupos de extensão que o Núcleo A tem no seu meio.

A assistência admirou e acarinhou o trabalho realizado neste campo.

Continua na pág. 7

DE MÊS PARA MÊS

Continua o «piqueniquismo»!



O Parque de Escotismo da Caparica é local excelente de que os Escoteiros de Portugal dispõem para a realização de actividades especiais como Cursos de Guias ou de Chefes, comemorações festivas, desporto, colóquios, reuniões de confraternização, estando presentemente dotado de úteis instalações. Devemos aproveitá-lo intensamente para estas actividades, correspondendo assim aos objectivos daqueles que trabalharam para que aquele recinto fosse uma realidade.

Infelizmente, porém, certos grupos de escoteiros limitam as suas actividades de ar livre ao Parque da Caparica, tendo deixado de procurar a montanha ou a planície vasta, isolada, onde se podem realizar os grandes exercícios, jogos, *raides*, aproveitando a Caparica para «piqueniquismo», vida de praia, repouso nas esplanadas, numa vida certamente agradável, mas que nada tem a ver com o Escotismo.

Podemos talvez fazer um teste: Grupo que vá repetidas vezes ao Parque da Caparica, abandonou a vida de campo nos moldes escoteiros.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00